

CAPÍTULO I

QUANDO JULIUS DE COSTER JÚNIOR SE EMBRIAGA NO PETIT SAINT GEORGES E O IMPOSSÍVEL TRANSPÔE, DE SÚBITO, AS BARREIRAS DA VIDA CONJUGAL

No que toca pessoalmente a Kees Poppinga deve admitir-se que às oito horas da noite ainda era tempo, pois o seu destino não estava determinado. Mas tempo de quê? E podia ele fazer outra coisa se não o que ia fazer, persuadido aliás de que os seus gestos não tinham mais importância do que durante os milhares e milhares de dias precedentes?

Teria encolhido os ombros se lhe tivessem dito que a sua vida iria mudar bruscamente e que aquela fotografia, pousada no aparador, que o representava de pé no meio da família, com uma das mãos negligentemente apoiada no espaldar de uma cadeira, seria reproduzida por todos os jornais da Europa.

Enfim, se tivesse procurado em si mesmo, com toda a consciência, o que podia predispor-lo a um futuro tumultuoso, teria sem dúvida sentido uma certa emoção furtiva, quase envergonhada, que o perturbava quando via passar um comboio, um comboio noturno principalmente, de cortinas descidas sobre o mistério dos viajantes.

Quanto a alguém dizer-lhe cara a cara que, naquele instante, o seu patrão, Julius de Coster Júnior, estava sentado na taverna do Petit Saint Georges e se embebedava conscienciosamente, nem

teria graça, nem lhe causaria moça, pois Kees Poppinga não gostava de mistificações e tinha uma opinião formada sobre as pessoas e as coisas.

Ora, apesar de toda a verosimilhança, Julius de Coster Júnior estava, com efeito, no Petit Saint Georges.

E, em Amesterdão, num apartamento do Carlton, certa Paméla tomava banho antes de ir para o Tuchinski, que é o cabaré da moda.

Que podia isso preocupar Poppinga? E ainda que em Paris, num pequeno restaurante da rua Blanche, na Mélie, certa Jeanne Rozier, que era ruiva, estivesse sentada na companhia de um tal Louis, a quem perguntava, servindo-se de mostarda:

— Não trabalhas esta noite?

E que em Juvisy, não longe da gare do entroncamento, na estrada de Fontainebleau, um garagista e sua irmã Rose...

Em suma, nada disso ainda existia! Era futuro, o futuro imediato de Kees Poppinga, que, naquela terça-feira, 28 de dezembro, às oito horas da noite, não desconfiava do que ia suceder, e se dispunha a fumar, voluptuosamente, um charuto.

O que ele não confessaria a ninguém, pois isso em rigor poderia passar por uma crítica à vida familiar, era que, depois do jantar, tinha o mau costume de adormecer. A alimentação não contribuía em nada para isso. Como na maioria das famílias holandesas, fazia-se ali um jantar leve: chá, pão com manteiga, delgadas fatias de carnes frias, queijo, e às vezes, um *entremet*.

A culpa era antes do fogão, um fogão imponente, o que de melhor havia no género, com ladrilhos de cerâmica verde e pesados ornamentos niquelados, um fogão que não era apenas um fogão, mas que, pelo seu calor, pela sua respiração, dir-se-ia ser o centro da vida caseira.

As caixas de charutos estavam em cima da lareira de mármore, e Poppinga escolheu um com lentidão, cheirando, saboreando depois o fumo, porque assim é preciso quando se quer apreciar um charuto, e também porque foi assim que sempre se fez.

Da mesma forma que, na mesa de jantar desocupada, Frida, a filha de Poppinga, que tinha quinze anos e cabelos castanhos, abria

os seus cadernos, exatamente sob a lâmpada, contemplando-os largo tempo com os grandes olhos escuros que não queriam dizer nada ou que nós não compreendíamos.

As coisas seguiam o seu curso. Carl, o garoto, que tinha treze anos, oferecia a testa à mãe, depois ao pai, beijava a irmã e ia deitar-se.

O fogão continuava a fazer ouvir o seu ronco, e Kees perguntava por hábito:

— Que é que está a fazer, mamã?

Tratava a mulher por mamã por causa das crianças.

— Tenho de pôr o meu álbum em dia.

Tinha ela quarenta anos e a mesma doçura, a mesma dignidade que toda a casa, pessoas e coisas. Quase se poderia acrescentar, como no caso do fogão, que era a melhor qualidade de esposa da Holanda, e aliás era mania de Kees falar sempre de primeira qualidade.

Justamente, a propósito de qualidade, só o chocolate era de segunda e, no entanto, continuava a comer daquela marca, porque cada pacote continha uma figura e essas figuras tomavam lugar num álbum especial que conteria, dentro de alguns anos, a reprodução em cor de todas as flores do mundo.

A Sra. Poppinga instalou-se pois diante do famoso álbum e pôs-se a classificar os cromos, enquanto Kees torcia os botões do rádio, de modo que, do mundo exterior, só se ouvia uma voz de soprano, e, às vezes, um choque de louça que vinha da cozinha onde a criada lavava os pratos.

Tão pesado era o ar que o fumo do charuto nem sequer subia para o teto, mas ficava estagnado à volta do rosto de Poppinga, que às vezes o cortava com a mão, como teias de aranha.

Pois não fazia quinze anos que era assim e que eles estavam quase mecanizados nas mesmas atitudes?

Ora pouco antes das oito e meia, quando a soprano se calou e uma voz monótona dava as cotações da Bolsa, Kees descruzou as pernas, olhou para o charuto e disse com voz hesitante:

— Eu queria saber se tudo estará verdadeiramente em ordem a bordo do *Oceano III*...

Um silêncio. O ronco do fogão. A Sra. Poppinga teve tempo de colar duas imagens no álbum e Frida de virar a página do seu caderno.

— Seria melhor que eu fosse ver.

Desde então a sorte estava lançada. O tempo de fumar dois ou três milímetros de charuto, de espreguiçar-se, de ouvir afinar os instrumentos no auditório de Hilversum, e Kees acabava de entrar na engrenagem.

Desde já cada segundo pesava mais do que todos os segundos que ele vivera até então, cada um dos seus gestos tomava tanta importância como os dos estadistas, de que os jornais anotam as mínimas atitudes.

A criada trouxe-lhe o grosso sobretudo cinzento, as luvas forradas e o chapéu. Calçou-lhe galochas, enquanto ele erguia docilmente um pé, depois o outro.

Beijou a mulher, a filha, notou mais uma vez que não sabia o que esta pensava e que talvez ela não pensasse nada; depois, no corredor, hesitou em servir-se da bicicleta, uma bicicleta inteiramente níquelada, com mudança de velocidades.

Resolveu ir a pé. Deixou a casa e voltou-se para ela com satisfação. Era mais uma vivenda, de que ele desenhara a planta e vigiara a construção e, se não era a maior do bairro, não deixava de achar que era a mais bem planeada e a mais harmoniosa.

O próprio bairro, um bairro novo, um pouco afastado da estrada de Delfzijl, não era o mais agradável e o mais saudável de Groningue?

Até então, a vida de Kees Poppinga só fora constituída por essas satisfações, satisfações reais, pois afinal de contas ninguém pode pretender que um objeto de primeira qualidade não seja de primeira qualidade, que uma casa bem construída não seja uma casa bem construída, nem que as carnes frias da casa Oosting não sejam as melhores de toda a Groningue.

Fazia frio, um frio seco e vivificante. As solas de borracha esmagavam a neve endurecida. De mãos nos bolsos, charuto na boca, Kees encaminhava-se para o porto perguntando a si próprio se realmente tudo estaria em ordem no *Oceano III*.

Não fora uma desculpa que arranjava. De modo algum lhe era desagradável caminhar na noite fresca em vez de cochilar na mornidão abafada da casa. Mas ele não se permitiria pensar oficialmente que pudesse haver um lugar no mundo mais agradável do que o seu próprio lar. Era justamente por isso que corava quando ouvia passar um comboio e surpreendia em si uma esquisita angústia que se assemelhava à nostalgia.

O *Oceano III* era mesmo uma realidade e a visita noturna de Poppinga um dever profissional. Desempenhava na firma Julius de Coster en Zoon as funções de primeiro empregado e de procurador. A casa de Julius de Coster en Zoon era a primeira não somente de Groningue, mas também de toda a Frísia neerlandesa, para os fornecimentos de navios, desde as cordoalhas até o óleo cru e o carvão, sem esquecer o álcool e as provisões de boca.

Ora o *Oceano III*, que devia zarpar à meia-noite, para franquear o canal antes da maré, tinha feito uma grande encomenda para o fim da tarde.

Kees avistou o barco de longe, pois era um clíper de três mastros. O cais do canal Guilhermina estava deserto, atulhado apenas de amarras, sobre as quais ele passou levemente. Depois, como homem habituado a tais coisas, subiu a escada do piloto e dirigiu-se sem hesitar para a cabina do comandante.

Em rigor, era o último prazo do Destino. Ele já não podia voltar agora para trás. Empurrou uma porta e viu-se em face de um gigante congestionado que lançou sobre ele tudo quanto sabia de injúrias e de pragas.

Passava-se a coisa mais inesperada para quem conhecia a casa Julius de Coster en Zoon: a lancha que devia vir às sete horas entregar o óleo cru — e Kees Poppinga contratara-a em pessoa — não tinha vindo! Não só não tinha acostado ao *Oceano III*, como também não havia ninguém a bordo e as outras provisões também não haviam sido entregues.

Cinco minutos mais tarde, um Poppinga gaguejante descia para o cais jurando que havia um mal-entendido e que ele iria arranjar tudo.